

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Discussão sobre a idéia de progresso no livro *O ano 2000*, de Herman Kahn e Anthony J. Wiener

Fabio Sapragnas Andrioni*

Resumo: Este artigo discute a provável idéia de progresso contida na especulação sobre o futuro na obra *O ano 2000*, de 1967, escrita por Herman Kahn e Anthony J. Wiener. Esta obra apresenta possíveis configurações que o mundo poderia ter no ano 2000. Nas previsões sobre o ano 2000 apresentadas na obra, a idéia de progresso não aparece, pois o futuro não necessariamente tende a algo melhor. Todavia, a chance de poder, a partir do método para especulação sobre o futuro apresentado na obra, prever as falhas possíveis do futuro e, então, resolvê-las antes que aconteçam, ou evitá-las, comporta uma idéia de progresso, ou seja, de conseguir dar um sentido à história, levando-a para “um lugar melhor”.

Palavras-chave: Teoria da História – Filosofia da História – História Contemporânea

Abstract: This article argues about the progress idea in the speculation of future on the book *O ano 2000* (1967), by Herman Kahn and Anthony J. Wiener. This book shows possible configurations that the world could have in the year 2000. In that forecasts about the year 2000, the progress idea is not present, because the future does not necessarily tend to a best way. However, through the method of future forecasting showed in the book, can be possible forecasting the futures fails and, thus, solve or prevent them before they happen. This possibility holds a progress idea, because it gives a control over the history, driving it to “a best place”.

Keywords: Theory of History – Philosophy of History – Contemporary History

A obra *O ano 2000*, escrita em 67, por Herman Kahn e Anthony J. Wiener¹, intenta descrever como possivelmente será o mundo no ano 2000. Esta preocupação com o prever e em especular sobre o futuro, que caracteriza o livro e é datada dos anos 60, ficou posteriormente conhecida como Futurologia. No entanto, os primeiros proponentes, como era o caso dos autores do livro, ainda não se reconheciam neste termo, preferindo falar sobre futurismo², no sentido de “estudos organizados sobre o futuro” (BELL, in: KAHN; WIENER, 1968: p.17). Daniel Bell, outro futurista, apontou, na introdução de *O ano 2000*, que o interesse pelo futuro apresentava, naquele momento, uma nova forma. Antes disso, tal interesse existia sobre formas esotéricas e supersticiosas (BELL, in: KAHN; WIENER, 1968:

* Mestrando do programa de História Social da Universidade de São Paulo

¹ Segundo Selingman, as análises apresentadas no livro foram pensadas por Kahn, enquanto que a escrita ficou a cargo de Wiener. (Selingman, 2001).

² Seus praticantes reconheciam a confusão do termo com o criado por Marinetti, que se relacionava a um movimento artístico, conforme a nota em (Bell, 1968, in: KAHN; WIENER: p.17).

p.21), e, depois, no fim do século XIX e começo do XX, adquiriu um caráter ficcional, não tendo uma rigidez metodológica (BELL, in: KAHN; WIENER, 1968: p.17-21).

Para Bell, entre 1920 e 1945, o futuro deixou de ser uma preocupação, já que o presente parecia problemático demais, devido à guerra e ao nazismo, por exemplo. Assim, conforme Bell, citando Raymond Aron: “estamos excessivamente obcecados pelo século XX para perder tempo especulando sobre o XXI. As previsões históricas, a longo prazo, já saíram da moda” (BELL, in: KAHN; WIENER, 1968: p.21). Conforme Bell, esta atestação de Aron, feita sete anos antes do lançamento do livro, sobre as previsões históricas, refere-se às filosofias da história e estudo macro-históricos formulados por Toynbee, Spengler e Sorokin, por exemplo, uma vez que ela não mais serviria para os cinco anos que antecederam o lançamento do livro *O ano 2000*, já que houve, segundo Bell, neste período, um aumento dos estudos sobre o futuro. Todos estes estudos foram feitos ligados a instituições que surgiram com o mesmo intuito, ou seja, pensar sobre os problemas do futuro (BELL, in: KAHN; WIENER, 1968: p.21). Uma das instituições que surgiram nesta esteira foi o Instituto Hudson, criado por Herman Kahn, Max Singer e Oscar Ruebhausen, em 1961 (HUDSON ..., s/d).

O Instituto, também chamado de *think tank*, surgiu com a finalidade de pensar sobre o futuro, gerando, então, vários relatórios e apontamentos. Inicialmente voltado para estudos militares, com a diminuição de investimentos para tais pesquisas, o Instituto passou a estudar também questões sociais e econômicas (HUDSON ..., s/d). Até 1983, o Instituto fortaleceu-se e articulou-se em torno de uma figura central, Herman Kahn.

Herman Kahn foi, na sua época, o mais celebrado e controverso estrategista nuclear. Posteriormente, também ficou conhecido como futurista, cientista político, geo-estrategista e fundador e diretor do Instituto Hudson (ALIGICA, s/d). Em 1960, Kahn escreveu o livro *On Thermonuclear War*. Este livro deu-lhe fama nacional e internacional (ALIGICA, s/d). Nele, Kahn ainda se mantinha preso à questão da guerra nuclear, analisando os efeitos possíveis de tal guerra, contudo, já especulava sobre o futuro, ao analisar algumas estratégias possíveis para diferentes circunstâncias.

Em 61, então, Kahn fundou o Instituto Hudson, do qual se tornou o primeiro diretor (ALIGICA, s/d). No instituto, ele desenvolveu os primeiros estudos especulativos, com os quais ele consolidou algumas das bases do que ele considerava como Estudos Futuros (ou Futurismo) que, posteriormente, tornou-se Futurologia e cujo termo Kahn não gostava (SELINGMAN, 2001). Segundo Aligica, a grande contribuição destes “primeiros” pensadores sobre o futuro foi a fundamentação metodológica e teórica que eles deram, como o

desenvolvimento do método do cenário, a utilização de sistemas matemáticos e científicos para realizar as previsões e a organização de bases interdisciplinares (ALIGICA, s/d).

Foi com base e com o intento da elaboração do método para as previsões que o livro *O ano 2000* foi escrito. Neste período, Kahn tinha uma participação ativa em debates públicos sobre o desenvolvimento econômico, sobre as tendências globais e sobre o impacto da tecnologia. Seus escritos contrariavam o neo-malthusianismo e os cenários “do fim do mundo” (ALIGICA, s/d). Conforme Aligica, o consenso do período dizia que os recursos mundiais eram insuficientes para agüentar a expansão contínua do produto mundial bruto e da população e mesmo se os recursos fossem suficientes, a poluição, o desequilíbrio ecológico ou problemas administrativos levariam a conseqüências desastrosas. O movimento que refletia essas idéias ficou conhecido como *the limits to growth* (os limites para o crescimento) (ALIGICA, 2003). Assim, Kahn se levantou contra essas vozes ao realizar suas especulações, dizendo, baseado em estudos macro-históricos, que todos os problemas enunciados eram apenas a expressão de um momento histórico específico do desenvolvimento da humanidade, a saber, com as mudanças sociais que estão ocorrendo decorrentes da Revolução Industrial, a humanidade tende a se transformar, atingindo uma nova forma econômica e social: a pós-industrial. Desta maneira, para Kahn, os vários problemas ecológicos, econômicos e sociais “are more the growing pains of success than the inevitable precursors of doom” (ALIGICA, 2003).

É perceptível, portanto, e em comparação com as outras visões do período, que Kahn tinha uma visão otimista e menos imediatista, ou mais pretensamente holística. Ele via os anos do pós-guerra não como um momento culminante, mas apenas como um momento de passagem, parte de um processo que vinha desde a Revolução Industrial, ou mais antigamente. Apesar da visão otimista, Kahn não via a história até o ano 2000 como um progresso, contudo, há o que argumentar sobre o progresso em relação ao seu método de previsão e à sua finalidade.

A idéia de progresso já pode ser percebida no Renascimento, quando os artistas italianos acreditavam estar realizando um desenvolvimento ascendente da arte, em direção a uma perfeição estética. Contudo, já no mundo científico, essa idéia de progresso ligou-se à questão material, tecnológica e científica (SKORUPA, F. A.; 2002. p. 36-38). A idéia de progresso conseguiu grade destaque, ainda, durante o Iluminismo, atingindo, então, a história. Desta forma, o Iluminismo entendia a história como um produto da razão, a qual era imutável e universal, regendo, assim, a ordem dos acontecimentos. Com base nisso, para os iluministas, cabia, a partir do estudo histórico, retomar as leis e os princípios que comandariam tais

acontecimentos. Contudo, tal razão não era dada, mas era conquistada ao longo de um processo histórico (DE DECCA, 1995: p.65-68).

Essas visões progressistas da história passaram a ser categorizadas como Filosofias da História. Desta maneira, Filosofia da História pode ser entendida como a possibilidade de a história humana possuir um sentido. O surgimento de tal filosofia foi datado, portanto, do final do século XVIII e início do XIX. Entretanto, o avanço deste tipo de filosofia se deu em paralelo e, de certa maneira, estimulou o interesse pelos estudos históricos, que se opunham à noção de história do Iluminismo (VOGT, 1971: p.19), e, no século XIX, o surgimento da História como disciplina (DRAY, 1977: p.89). Posteriormente, o avanço da história como disciplina acabou minando as possibilidades especulativas na história (DRAY, 1977: p.89).

Desta forma, é possível acompanhar a diferenciação de William Dray em duas formas de filosofia que entendem a história: uma crítica, que busca esclarecer a natureza da investigação do historiador, e outra especulativa, que busca, na história, no curso dos acontecimentos, uma significação, um padrão (DRAY, 1977: p.9). Assim, a filosofia especulativa da história, ou filosofia da história, entende que, nos acontecimentos históricos, há um sentido que está além do entendimento buscado pelos historiadores críticos (DRAY, 1977: p.88). Além deste sentido, ela pode também ser teleológica, ou seja, pode procurar um fim para história. Dray subdivide a filosofia especulativa em outras duas categorias, uma que concerne à tendência da filosofia, a qual é dividida em três: metafísica, empírica e religiosa. A primeira, realizada, por exemplo, por Hegel, entende que o curso da História “só pode ser amplamente exposto por meio de recurso a noções metafísicas” (DRAY, 1977: p.90). A empírica, que tem Toynbee como um dos representantes, “é apresentada como conclusão necessária a que ele foi levado por um levantamento empírico” (DRAY, 1977: p.90). Por fim, a religiosa, no caso de Niebuhr, tende a “mostrar como a fé cristã, que transcende a discussão racional, pode emprestar significado a ocorrências que, de outra forma, dele carecem” (DRAY, 1977: p.90). A outra divisão abarca as possibilidades de sentidos dados à história. Também são três: linear, cíclica e caótica. A linear é entendida como um padrão que leva em direção a algo de maneira direta, podendo ser progressiva ou regressiva, sendo a primeira a mais recorrente. A cíclica defende que os processos se repetem de maneira incessante em povos e períodos sucessivos. A caótica, por sua vez, enxerga “o jogo do contingente e do imprevisto” (FISHER *apud*: DRAY, 1977: p.90-91). Cada um desses enfoques pode, ainda, aparecer combinado com outro (DRAY, 1977: p.91).

Desta forma, ao se argumentar que a proposta histórica de Herman Kahn em *O ano 2000* pode conter uma idéia de progresso, argumenta-se, então, que esta proposta dá um

sentido à história. Há, de fato, duas formas de se ver este sentido. Uma que pode ser resumida nos seguintes termos: com a existência de uma tendência complexa e de longo alcance, e sem qualquer acontecimento inesperado e crucial, é possível definir possíveis arranjos que o mundo terá no ano 2000. Este desenvolvimento de uma forma de prever e planejar possíveis futuros permeia toda a obra e, como foi visto, toda a constituição da proposta da Futurologia. Então, esta proposta pode ser entendida, seguindo as divisões propostas por Dray, como cíclica e caótica, com tendência empírica. Não se pretende aqui entrar no que Kahn pensa sobre o ano 2000, já que ele acreditava que existia alguma possibilidade que o século XXI começasse com sérios problemas sociais, de disparidades entre diferentes países e com uma grande ameaça nuclear, o que já evidencia a ausência do progresso no desenvolvimento possível da história. O que se pretende aqui, por outro lado, é analisar o método de previsão sobre o futuro, para, então, discutir a possibilidade de progresso por meio deste método.

Para realizar sua especulação sobre o futuro, Kahn expõe que o primeiro passo é definir o problema, o que, para ele, significa “identificar tendências de longo alcance, que tenham probabilidade de continuar” (KAHN; WIENER, 1968: p. 32). Ou seja, trata-se de achar um padrão de longo alcance, uma espécie de estrutura. Ao tratar do ano 2000, Kahn identificou o que ele chama de *tendência múltipla*. A tendência múltipla é definida como um conjunto complexo, formado por elementos comuns e que se interpenetram. São, ao todo, treze elementos, os quais vêm, alguns, desde o século XI ou XII e que possuíam, conforme os autores, grandes chances de continuar até o ano 2000.

Depois de definida a tendência, os autores se depararam com um problema: o de especular com a antecedência de trinta e três anos. Como uma forma de contornar este problema, Kahn experimentou sua tendência. Sua experiência consistiu em tentar especular, baseado na tendência múltipla, sobre os trinta e três anos vindouros a partir de 1900 e 1933. Com isso, ele tentou obter uma idéia “do ritmo presente e futuro da mudança, assim como da probabilidade de desenvolvimentos inesperados” (KAHN; WIENER, 1968: p. 32). À conclusão que Kahn chegou com essa experimentação é que acontecimentos surpreendentes podem ocorrer, acabando com qualquer previsão séria. Ou seja, com a experiência, Kahn apontou o caráter caótico da história, o qual calca-se muito na imprevisibilidade dos acontecimentos.

O maior problema da imprevisibilidade dos acontecimentos³ se dá pela dificuldade em saber como e quão decisivos eles podem ser dentro da tendência. Kahn entende que seus estudos de longa duração podem ajudar na antecipação de problemas e, então, na elaboração

³ Acontecimentos são entendidos, na obra, como questões político-militares e de cunho público.

de programas que os resolvam. Mas estas previsões antecipadoras têm mais chances de dar certo quando não se calcam em acontecimentos que dependam de circunstâncias únicas. Outra forma de resolver o problema dos acontecimentos, para os autores, é o desenvolvimento de programas mais flexíveis. Com tal prática, os autores acreditam poder conhecer as possibilidades e saber o que deve ou não ser evitado, adquirindo, assim, uma visão ampla sobre como o futuro pode acontecer, assim como as conseqüências para certas decisões. Assim, Os autores de *O ano 2000* crêem, então, que os acontecimentos críticos na história não possuem um padrão certo e geral e, por isso, são acidentais, mas não atemporais. Apesar da imprevisibilidade do acontecimento, para Kahn, existem, no ser humano, fatores tradicionais e imutáveis, os quais desempenham, nas sociedades e nas culturas, papéis importantes, o que faz com que alguns acontecimentos, ou mesmo alguns aspectos deles, enquadrem-se em padrões (KAHN; WIENER, 1968: p. 29-64). Frente a isso, há uma defesa de certa sensatez por parte do especulador, a qual reside em diferenciar aquilo que se modifica daquilo que se mantém, ou seja, “em perceber o que é contínuo dentro das próprias modificações” (KAHN; WIENER, 1968: p. 30). Com a identificação destes aspectos dos acontecimentos que seguem padrões, é possível trabalhar por analogia ou por metáfora, possibilitando temas, questões, conjeturas e hipóteses. Desta forma, é possível, se não ter certeza do que acontecerá, pelo menos de predizer qual a chance de que dada(s) coisa(s) aconteça(m). Se por um lado, então os autores reconhecem o fato do acaso e de variáveis ocultas operarem indeterminações no que pode acontecer, por outro, afirmam que mudanças seculares básicas acontecem na estrutura geral em que os acontecimentos ocorrem. Desta maneira, “a História pode não repetir-se, mas pode parafrasear-se” (KAHN; WIENER, 1968: p. 64). Com isso, Kahn empresta certa idéia cíclica à sua visão de história, já que os fatos podem ser entendidos, se não como repetidos, como assemelhados, ou como exemplos relativos.

Após ter estabelecido a tendência e experimentado-a, cabe *construir linhas de bases significantes*, de preferência estatísticas, que possibilitem a projeção de *variáveis-chaves*. Estas variáveis tratam da população, da alfabetização, do PNB, das fontes de energia, do poderio militar, entre outras coisas. Essas taxas variáveis apresentam algumas das possibilidades de qualquer sociedade. Quando tais projeções são feitas em cima das tendências já presentes e refletindo a tendência múltipla, tem-se, então, a projeção *livre de surpresas*, que é aquela que apresentará o transcorrer da história com o mínimo de surpresas (KAHN; WIENER, 1968: p. 21-33).

A partir da identificação da tendência, de suas variáveis e com a elaboração da projeção livre de surpresas, é possível construir, então, dois tipos de contextos: o *mundo-*

padrão e as *variações canônicas*. O mundo-padrão reflete, basicamente, a projeção livre de surpresas, ou seja, é a previsão mais ingênua. Uma vez estabelecido o mundo-padrão, é possível delinear as possíveis variações canônicas. Cada uma dessas variações aponta novas possibilidades, sem, porém, fugir das projeções livres de surpresa. Com isso, saindo do mundo-padrão e percorrendo todas as variações canônicas, os autores acreditam atingir uma envergadura mínima para as projeções sistemáticas e possíveis dentro de trinta anos, sem fugir, contudo, das projeções livres de surpresa. Kahn reconhece que é bastante improvável que o desenvolvimento histórico dos próximos trinta e três anos ocorra sem qualquer acontecimento inesperado. Mas isso, para ele, não invalida os mundos alternativos, já que eles acabam servindo como elementos para a ilustração e desenvolvimento de hipóteses (KAHN; WIENER, 1968: p. 34-41).

Tem-se, portanto, o método de previsão “histórica” de Kahn, o qual permite que ele acredite especular sobre o futuro com relativa segurança e com certa autoridade, daí a tendência empírica. Este método pode ser entendido, de forma breve, como a identificação da estrutura corrente e a projeção dela no futuro, considerando todas as alterações (pequenas ou grandes) possíveis que ela pode sofrer e como isso afetará o porvir. Com isto, os autores dão uma coesão para os três momentos históricos (passado, presente e futuro), pois defendem que as decisões tomadas no presente pouco influenciam o próprio presente, sendo mais decisivas para o futuro. Assim, o presente também pouco depende do que é feito nele, mas mais do que foi realizado no passado. Desta forma, os autores conseguem soldar os diferentes momentos, dando certa consistência a sua visão de história, pelo menos na dinâmica temporal, e mostram que o elemento decisivo dos acontecimentos pouco influencia no presente, sendo ele, então, importante para o futuro. Desta maneira, os acontecimentos presentes, planejados de acordo com tendências e bases retiradas do passado, acabarão por definir o futuro.

Desta maneira, revela-se a contradição em Kahn e abre espaço para a compreensão do outro sentido para a história em *O ano 2000*. Se a tendência múltipla não é progressista ao formular uma visão sobre o futuro, já que nem sempre resulta em coisas positivas ou tidas como boas, o fato de reconhecer que o futuro é especulado, ou seja, que não é, ainda, o acontecido, faz com que ele possa ser evitado. Assim, os autores pretendem, com suas previsões, projetar o futuro e, com isso, identificar suas falhas e contorná-las, o que parece, de alguma forma, com a retomada da visão de progresso iluminista, ou seja, de recuperar o controle racional do desenvolvimento da humanidade. Eles pretendem, então, a partir de suas projeções, definir, da forma mais realista possível, ou seja, fugindo do que consideram otimismo ou pessimismo em demasia, as formas que o futuro pode adquirir e, com isso,

identificar os problemas com essas possíveis configurações do futuro. Uma vez identificadas as possíveis falhas, acreditam poder contorná-las, não apenas guiando as tendências (estruturas), mas também prevendo e agindo sobre os acontecimentos potencialmente decisivos. Desta forma, eles retomam a idéia de progresso Iluminista, ou seja, de controle da história humana por meio de uma racionalidade inerente no próprio processo histórico, que nada mais é do que o desenvolvimento da humanidade ao longo do tempo na Terra.

Kahn reconhece que sua abordagem e forma de trabalho se assemelham aos trabalhos realizados por macro-historiadores e filósofos da História, ou seja, com estudos de longa duração, especulativos e, portanto, que apresentam, mesmo que acidentalmente, algum sentido para a história. Enunciando várias formas de sentidos para a História, Kahn defende que sua tendência múltipla pode ser entendida como um estudo que apresenta padrões típicos, empíricos e possui uma consistência eclética e sincrética, além de reconhecer, de alguma maneira, a chance do imprevisível. Refuta, ainda, a idéia de que a tendência múltipla possa ser progressista, já que muitas das suas mudanças não estão resultando em melhoramentos apenas (KAHN; WIENER, 1968: p.58-61). E, realmente, a tendência múltipla não delinea o progresso para a humanidade, todavia, a identificação do erro antes de sua existência permite que ele seja evitado e, portanto, a ausência das falhas, pelo menos das mais graves. Este, portanto, é o sentido progressista por trás do método de previsão histórica de *O ano 2000*.

Referências Bibliográficas:

- ALIGICA, Paul D. **Herman Kahn**. Sem data. Disponível em: http://www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=staff_bio&eid=HermanKahn. Consultado em 30/04/07.
- ALIGICA, Paul D. **The Great Transition and the Social Limits to Growth**. Abril, 2003. Disponível em: http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2827. Consultado em 30/04/07.
- BACON, Francis. **Novum organum**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- BARCELOS, Eduardo D. **Telegramas para Marte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAUSO, Roberto de S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875-1950)**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CLARKE, Arthur C. **2001: odisséia espacial**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. As desavenças da história com a memória. In.: SILVA, Zélia Lopes da. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- DRAY, William H. **Filosofia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- HENRY, John. **A revolução científica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- HOBBSAWN, Eric. **A Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUDSON Institute History. Sem data. Disponível em: <http://www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=history>. Consultado em: 30/04/07.
- HUME, David. **Tratado da natureza humana**. São Paulo: UNESP, 2001.
- KAHN, H., WIENER, A. J. **O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos**. São Paulo: Melhoramentos/Universidade de São Paulo, 1968.
- KAHN, H., WIENER, A. J. **The year 2000: a framework for speculation on the next thirty-three years**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1967.
- LEVESON, Irving. **Memorial to Herman Kahn**. Julho, 2003. Disponível em: http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2920. Consultado em 30/04/07.
- OLIVEIRA, Paulo S. (org). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.
- PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- SELINGMAN, Dan. **Know-it-all**. Abril, 2001. Disponível em: http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=817. Consultado em 30/04/07.
- SKORUPA, F. A. **Viagem às letras do futuro: extratos de bordo da ficção científica brasileira (1947-1975)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.
- SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics, v2**. New York/Cincinnati/Chicago/Boston/Atlanta/Dallas/San Francisco: America Book Company, 1937.
- TROY, Tevi. **Nixon and the Intellectuals**. Março, 2003. Disponível em: http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2784. Consultado em: 30/04/07.
- VOGT, Joseph. **El concepto de la Historia de Ranke a Toynbee**. Madrid: Guadarrama, 1971.